

Estética da recepção e *A Hora da Estrela*: uma análise da obra de Clarice Lispector e o papel do leitor na construção de sentido

Reception aesthetics and The hour of the star: an analysis of Clarice Lispector's work and the reader's role in the construction of meaning

Vanda Olga Stelmachuk*
Centro Universitario Campos de Andrade
Curitiba, Paraná, Brasil

Resumo: Este artigo analisa a obra, *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, sob a perspectiva da Estética da recepção, privilegiando a abordagem teórica de Wolfgang Iser sobre o processo individual de leitura e a construção colaborativa de significado entre texto e leitor. O estudo fundamenta-se nos conceitos centrais da teoria iseriana, leitor implícito, vazios textuais e indeterminação, para investigar como a estrutura metaficcional da narrativa clariceana estabelece um complexo jogo de interação que demanda a participação ativa do leitor na produção de sentido. A pesquisa explora detalhadamente como Iser concebe o ato de leitura como processo dinâmico no qual o leitor não apenas decodifica informações, mas ativamente constrói significado através do preenchimento de lacunas e da resolução de indeterminações textuais. Na obra de Clarice, essas estratégias manifestam-se através da tensão entre o narrador Rodrigo S.M. e a protagonista Macabéa, criando um sistema de vazios que obriga o leitor a posicionar-se criticamente diante das questões éticas de representação e alteridade. A análise demonstra como a metaficção clariceana funciona como dispositivo que explicita e problematiza o próprio processo de leitura, transformando o leitor em coautor da obra através de sua participação interpretativa. O estudo examina as estratégias narrativas específicas utilizadas por Clarice para desestabilizar expectativas convencionais e instigar uma reflexão crítica sobre os mecanismos de construção de significado na literatura contemporânea. A investigação revela que o conflito estrutural entre narrador e personagem não apenas expõe questões éticas sobre representação literária, mas antecipa debates contemporâneos sobre lugar de fala e responsabilidade narrativa, demonstrando a capacidade da obra de gerar significados que transcendem seu contexto histórico original. Este estudo conclui que a obra de Clarice atua como uma provocação à teoria literária tradicional, demonstrando a importância da abordagem da Estética da recepção para entender obras que questionam a interação entre autor, texto e leitor.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Marcelino Freire; Angu de Sangue.

Abstract: This article analyzes Clarice Lispector's novel *The Hour of the Star* through the lens of Reception Aesthetics, privileging Wolfgang Iser's theoretical approach to the individual reading process and the collaborative construction of meaning between text and reader. The study is grounded in the central concepts of Iser's theory—implied reader, textual gaps, and indeterminacy—to investigate how the metafictional structure of Lispector's narrative establishes a complex interplay that requires active reader participation in the production of meaning. The research explores in detail how Iser conceives the act of reading as a dynamic process in which the reader not only decodes information but actively constructs meaning by filling gaps and resolving textual indeterminacies. In Lispector's work, these strategies manifest through the tension between the narrator Rodrigo S.M. and the protagonist Macabéa, generating a system of voids that compels the reader to critically engage with ethical questions of representation and otherness. The analysis demonstrates how Lispector's metafiction operates as a device that exposes and interrogates the very process of reading,

*Centro Universitario Campos de Andrade – Uniandrade. Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: vandaolga@outlook.com

transforming the reader into a co-author through interpretive engagement. The study examines the specific narrative strategies employed by Clarice to destabilize conventional expectations and provoke critical reflection on the mechanisms of meaning-making in contemporary literature. The investigation reveals that the structural conflict between narrator and character not only raises ethical concerns about literary representation but also anticipates contemporary debates on voice, positionality, and narrative responsibility, highlighting the work's capacity to generate meanings that transcend its original historical context. This study concludes that Lispector's novel acts as a challenge to traditional literary theory, underscoring the relevance of Reception Aesthetics in understanding texts that interrogate the interaction between author, text, and reader.

Keywords: Reception Theory. Clarice Lispector. *The Hour of the Star*. Reader. Metafiction.

1 INTRODUÇÃO

A interação entre texto e leitor tem sido objeto de análise e reflexão ao longo da história da teoria literária, mas foi somente a partir da década de 1960, com o surgimento da Estética da recepção na Universidade de Constança, na Alemanha, que o papel do leitor se tornou central nas discussões teóricas. Esta corrente crítica propôs uma mudança de perspectiva nos estudos literários, deslocando o foco da análise do texto em si ou do autor para o processo dinâmico de leitura e construção colaborativa de sentido.

Wolfgang Iser, um dos principais teóricos da Estética da recepção, desenvolveu uma abordagem revolucionária que concebe o ato de leitura como processo fenomenológico complexo, no qual o leitor não funciona como receptor passivo de informações, mas como coautor ativo na produção de significado. Sua teoria do efeito estético investiga minuciosamente a interação entre leitor e texto, demonstrando como a experiência literária emerge precisamente dos espaços de indeterminação que o texto oferece à consciência leitora.

A contribuição fundamental de Iser reside na compreensão de que o texto literário não contém significados prontos a serem simplesmente decodificados, mas apresenta uma estrutura que orienta e simultaneamente desafia à atividade interpretativa do leitor. Através dos conceitos de leitor implícito, vazios textuais e indeterminação, Iser demonstra como a literatura funciona através de um complexo sistema de lacunas que estimulam a imaginação e exigem a participação criativa do leitor na construção de sentido.

O leitor implícito, constitui uma instância textual que não se confunde nem com o leitor real nem com o leitor ideal, mas representa a estrutura de apelos inscrita no próprio texto, orientando as possibilidades interpretativas sem determiná-las completamente. Os vazios textuais, são espaços de indeterminação estrategicamente distribuídos na narrativa, que funcionam como pontos de articulação entre os diferentes segmentos textuais, exigindo que o leitor estabeleça conexões e preencha lacunas através de sua atividade interpretativa. A indeterminação, por sua vez, refere-se às múltiplas possibilidades de significação que emergem da interação entre texto e leitor, garantindo que a obra literária mantenha sua capacidade de gerar novos sentidos a cada leitura.

Iser examina detalhadamente os mecanismos cognitivos e psicológicos envolvidos no ato de leitura, destacando como a consciência leitora se move através do texto em um processo temporal que envolve retenção, antecipação e síntese. Esta abordagem fenomenológica revela, que a experiência estética não reside nem exclusivamente no texto

nem na subjetividade do leitor, mas emerge precisamente da interação dinâmica entre ambos.

No contexto da literatura brasileira, Clarice Lispector destaca-se como uma autora cuja obra desafia constantemente as expectativas convencionais de leitura, exigindo a participação ativa do leitor na construção de sentido. Seu último romance *A hora da estrela* (1977), lançado em vida, representa o auge desse desafio literário, ao apresentar uma estrutura metaficcional que questiona o próprio ato de narrar, e explora as complexas relações entre narrador, personagem e leitor.

A escolha de analisar *A hora da estrela* sob a perspectiva da teoria iseriana é justificada pela convergência entre as preocupações teóricas deste autor e as estratégias narrativas utilizadas por Clarice Lispector. Ambos, questionam as relações tradicionais entre texto e leitor, propondo que a literatura seja entendida como um processo dinâmico de interação e construção colaborativa de sentido. A obra de Clarice, com seus vazios textuais deliberados e sua estrutura metaficcional complexa, constitui um campo particularmente fértil para a aplicação da teoria do efeito estético de Iser.

Este estudo parte do problema de como à estrutura metaficcional e os espaços vazios textuais em *A hora da estrela* incentivam a participação ativa do leitor, rompendo com suas expectativas convencionais e provocando uma reflexão crítica sobre o próprio ato de ler. Além disso, analisa como o conflito entre o narrador Rodrigo S.M. e a personagem Macabéa expõe questões éticas sobre representação e alteridade, antecipando debates atuais sobre lugar de fala e responsabilidade narrativa.

O objetivo principal deste trabalho é analisar *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, sob a perspectiva dos conceitos fundamentais da teoria iseriana, demonstrando como a obra atua como uma provocação à teoria literária tradicional através de suas estratégias de indeterminação e apelo à participação do leitor. Como objetivos específicos: 1) apresentar os fundamentos teóricos da abordagem de Wolfgang Iser, com ênfase nos conceitos de leitor implícito, vazios textuais e indeterminação; 2) contextualizar *A hora da estrela* na trajetória, de Clarice Lispector, e na literatura brasileira; 3) analisar as estratégias narrativas utilizadas pela autora para criar indeterminações que desestabilizam as expectativas do leitor; 4) examinar a dimensão ética da leitura que surge da relação entre narrador, personagem e leitor implícito.

Este estudo utiliza uma abordagem que combina análise textual detalhada de *A hora da estrela*, com os conceitos teóricos desenvolvidos por Wolfgang Iser. Será utilizado como referencial teórico principal a obra de Iser, especialmente *O ato da leitura: Uma teoria do efeito estético* e *O fictício e o imaginário*. Para a contextualização da obra de Clarice Lispector.

O trabalho está estruturado em seções principais. Após esta introdução, a segunda seção apresenta os fundamentos teóricos da abordagem iseriana, abordando seu contexto e os conceitos centrais de sua teoria do efeito estético. A terceira seção contextualiza Clarice Lispector e *A hora da estrela*, discutindo a trajetória da autora na literatura brasileira e os elementos formais e temáticos da obra. A quarta seção desenvolve a análise de *A hora da estrela* sob a perspectiva da teoria iseriana, explorando os vazios textuais, a metaficção como estratégia de envolvimento do leitor implícito e a dimensão ética da indeterminação. A quinta seção apresenta as conclusões do estudo, sintetizando as contribuições da análise para a compreensão da obra e apontando sua relevância contemporânea.

Este estudo pretende contribuir para a compreensão da obra de Clarice Lispector e para o desenvolvimento da teoria literária brasileira, evidenciando a relevância da abordagem iseriana na análise de narrativas que rompem com convenções tradicionais e fazem da participação ativa do leitor um elemento constitutivo de sua própria estrutura estética.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

A Estética da Recepção teve origem na Universidade de Constança, na Alemanha Ocidental, no final dos anos 1960, em meio a um período de intensas mudanças sociais, políticas e culturais. Este movimento teórico surgiu como uma resposta crítica às abordagens dominantes nos estudos literários da época: de um lado, o formalismo russo e o estruturalismo, que privilegiavam a análise imanente do texto literário, desconsiderando seus contextos de produção e recepção; de outro lado, as abordagens marxistas tradicionais, que tendiam a reduzir a literatura a um reflexo das condições socioeconômicas.

A Escola de Constança, como ficou conhecida, propôs uma renovação metodológica fundamental nos estudos literários, deslocando o foco da análise do texto em si ou do autor para o processo dinâmico de leitura e construção de sentido. Esta mudança paradigmática foi influenciada por diversas correntes filosóficas, com destaque para a fenomenologia de Edmund Husserl, a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer e os desenvolvimentos da teoria da percepção.

A partir da fenomenologia, a estética da recepção incorporou a ideia fundamental de que a consciência é sempre consciência de algo, o que pressupõe uma interação intencional entre sujeito e objeto. Esta perspectiva, aplicada à literatura, sugere que o texto literário não existe como objeto autônomo, mas sempre em relação dinâmica com a consciência do leitor. Através da hermenêutica de Gadamer, compreende-se que toda interpretação ocorre dentro de um contexto histórico específico, e que a fusão de horizontes entre texto e leitor é fundamental para o processo de compreensão.

Wolfgang Iser, um dos principais representantes desta corrente, desenvolveu uma teoria sofisticada do efeito estético centrada na interação fenomenológica entre texto e leitor. Sua abordagem concentra-se no processo individual de leitura, analisando detalhadamente como o leitor interage com a obra através do preenchimento de lacunas e da construção ativa de significado a partir daquilo que não está explicitamente formulado no texto.

A teoria iseriana fundamenta-se na compreensão de que o texto literário possui uma estrutura específica que combina elementos determinados com espaços de indeterminação estrategicamente distribuídos. Estes vazios textuais não constituem deficiências da obra, mas elementos funcionais que estimulam a atividade interpretativa do leitor, transformando-o em coautor do processo de significação.

Esta abordagem revela como a recepção literária envolve processos complexos de interpretação que transcendem a mera decodificação de informações, constituindo uma experiência estética na qual o leitor participa ativamente da construção do sentido através de sua interação com a estrutura textual.

2.1 WOLFGANG ISER E A TEORIA DO EFEITO ESTÉTICO

Wolfgang Iser, desenvolveu uma teoria revolucionária que se concentra no processo individual de leitura e na complexa interação fenomenológica entre texto e leitor. Sua abordagem teórica, conhecida como teoria do efeito estético, representa uma contribuição fundamental para a compreensão da experiência literária como processo dinâmico de construção colaborativa de sentido.

A teoria iseriana parte do pressuposto de que o texto literário não constitui um objeto estático portador de significados prontos, mas uma estrutura dinâmica que combina elementos determinados com espaços de indeterminação estrategicamente distribuídos. Esta configuração textual específica cria o que Iser denomina estrutura de apelos, um sistema complexo de orientações e lacunas que guia e simultaneamente desafia a atividade interpretativa do leitor.

Iser concentra-se na experiência fenomenológica da leitura, investigando minuciosamente os mecanismos através dos quais a consciência leitora se move pelo texto em um processo temporal que envolve retenção do já lido, antecipação do que está por vir, e síntese contínua dos elementos textuais. Esta abordagem revela que a leitura não é um ato de simples decodificação, mas um processo criativo no qual o leitor participa ativamente da produção de significado.

A originalidade da contribuição iseriana reside na compreensão de que o efeito estético emerge precisamente da interação entre a estrutura textual e a atividade interpretativa do leitor. O texto oferece direcionamentos e restrições, mas não determina completamente o sentido; o leitor, por sua vez, não projeta arbitrariamente seus significados sobre o texto, mas responde às orientações e desafios propostos pela estrutura textual. Esta dialética entre determinação e indeterminação constitui o núcleo da experiência estética na literatura.

Através de conceitos como leitor implícito, vazios textuais e indeterminação, Iser demonstra como a literatura funciona através de um sofisticado sistema de lacunas que estimulam a imaginação e exigem a participação criativa do leitor na construção de sentido, transformando o ato de leitura em uma experiência estética única e irrepetível.

Iser, parte do princípio, de que o texto literário só produz um efeito quando é lido, e coloca em primeiro plano a interação entre sua estrutura e o leitor. Como afirma “o texto literário só produz um efeito quando é lido; é impossível descrevê-lo sem referência ao processo de sua recepção”. (Iser, 1996, p. 15).

Um conceito fundamental na teoria de Iser é o de leitor implícito, que designa uma estrutura textual que antecipa a presença do receptor sem necessariamente defini-lo. O leitor implícito não é o leitor real, histórico, mas uma construção textual que orienta a atualização do texto pelo leitor empírico. Nas palavras de Iser:

O conceito de leitor implícito designa uma estrutura do texto que antecipa a presença do receptor. O leitor implícito não tem existência real; pois ele materializa o conjunto das pré-orientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção, a seus leitores possíveis. (Iser, 1996, p. 73).

Outro conceito central na teoria Iser é o de espaços vazios ou lacunas, que são espaços de indeterminação no texto que o leitor precisa preencher durante o processo de leitura. Estes vazios não são falhas no texto, mas elementos constitutivos da comunicação literária, que estimulam a imaginação do leitor e permitem diversas interpretações. Como explica Iser:

Os lugares vazios indicam que não há a necessidade de complemento, mas sim a necessidade de combinação. Pois só quando os esquemas do texto são relacionados entre si, o objeto imaginário começa a se formar; esta operação deve ser realizada pelo leitor e possui nos lugares vazios um importante estímulo. (Iser, 1996, p. 126).

Iser também explora os conceitos de repertório e estratégias textuais. O repertório se refere ao conjunto de normas sociais, históricas e culturais presentes no texto, que são selecionadas e reorganizadas no processo de ficcionalização. As estratégias são os procedimentos que o texto organiza seu repertório, lacunas e estruturas narrativas que incentivam a participação ativa do leitor na construção de sentido.

A leitura, na perspectiva Iser, é um processo dinâmico que envolve antecipação, retrospecto e uma contínua reformulação de expectativas. O leitor não apreende o texto de forma linear, mas através de um movimento constante entre o que já foi lido (retenção) e o que está sendo lido no momento (protensão), em um processo que Iser, inspirado na fenomenologia de Edmund Husserl, chama de sínteses passivas.

Iser considera a indeterminação como um elemento fundamental nos textos literários, que os distingue dos textos pragmáticos. Os textos literários ampliam as possibilidades interpretativas, exigindo uma participação mais ativa do leitor na construção de sentido.

A teoria do efeito estético de Iser representa uma contribuição significativa para a compreensão do processo de leitura e da interação entre texto e leitor. Ao destacar a importância do papel ativo do leitor na atualização do texto, sem recorrer a uma visão excessivamente subjetiva, Iser apresenta uma abordagem equilibrada que valoriza as estruturas textuais, embora seu foco fosse na liberdade interpretativa do leitor. Considerando que o significado de um texto literário é um produto da interação entre sua estrutura e seu receptor, e que este significado não é fixo, mas surge do processo dinâmico da leitura.

3 CLARICE LISPECTOR NO CONTEXTO DA LITERATURA BRASILEIRA

Clarice Lispector, ocupa um lugar único no cenário da literatura brasileira do século XX. Nascida na Ucrânia, em uma família judaica que emigrou para o Brasil quando ela tinha apenas dois meses de idade Clarice produziu uma obra literária profundamente original, que representou uma ruptura com as tendências dominantes da ficção brasileira de sua época.

Quando Clarice, estreou na literatura com o romance *Perto do coração selvagem* (1943), o cenário literário brasileiro era dominado pelo romance regionalista da geração de 1930, com autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado, que

privilegiavam a representação da realidade social brasileira, especialmente a nordestina, com ênfase nos problemas socioeconômicos.

Na linha intimista, a obra de Clarice Lispector marcou uma ruptura significativa. Enquanto muitos de seus contemporâneos ainda seguiam, em grande parte as convenções narrativas tradicionais, Clarice, inovou ao criar uma linguagem e um formato narrativo profundamente experimentais, desafiando as expectativas tradicionais de leitura.

A trajetória literária de Clarice Lispector inclui romances como *O lustre* (1946), *A cidade sitiada* (1949), *A maçã no escuro* (1961), *A paixão segundo G.H.* (1964), *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1969) e *Água viva* (1973), além de coletâneas de contos como *Laços de família* (1960) e *A legião estrangeira* (1964). Ao longo dessa trajetória, é possível observar um progressivo radicalismo formal e uma crescente problematização da linguagem e da narrativa.

A obra de Clarice Lispector é marcada pela incessante busca de palavras precisas, da construção de frases que melhor traduzam a essência do ser em suas diversas facetas. Sua escrita possuía uma habilidade rara, transformar o indizível em palavras, congelar no papel as ideias de existência e revelar em momentos únicos toda beleza e a singularidade de viver.

Na perspectiva estilística, a prosa de Clarice, exibe características como o fluxo de consciência, a fragmentação da narrativa, a ruptura das fronteiras entre narrador e personagem, a valorização da introspecção e a exploração de estados de consciência crítico. Sua linguagem é muitas vezes poética e metafórica, desafia as normas de escrita na prosa tradicional, criando um efeito de estranhamento que exige do leitor uma postura ativa e criativa.

A obra de Clarice Lispector mergulha em questões existenciais profundas, explorando temas como identidade, solidão, incomunicabilidade, condição feminina, relação com o outro e a busca de sentido em um mundo que muitas vezes parece caótico. A maneira envolvente que ela utiliza em sua prosa constrói a interação entre o eu e o mundo, entre a consciência e tudo ao seu redor, revelando nuances de percepção e emoções que tornam sua escrita tão única e fascinante.

A hora da estrela, publicado em 1977, poucos meses antes do falecimento da autora, é um marco significativo em sua carreira literária. Na obra Clarice Lispector retoma algumas das questões sociais que foram negligenciadas em suas obras anteriores, porém de maneira profundamente original, problematizando o próprio ato de representação literária e a relação entre narrador, personagem e leitor.

3.1 *A HORA DA ESTRELA*: ASPECTOS FORMAIS E TEMÁTICOS

O romance narra a história de Macabéa, uma mulher nordestina pobre, feia e semi-analfabeta que migra para o Rio de Janeiro, onde trabalha como datilógrafa e leva uma vida marcada pela carência material e afetiva. No entanto esta simples sinopse não consegue capturar toda a riqueza e complexidade da obra, que é caracterizada por uma estrutura metaficcional em que o narrador, Rodrigo S.M., constantemente reflete sobre o próprio ato de narrar e sua relação com a personagem principal Macabéa.

Desde o início *A hora da estrela* se apresenta como uma obra inquietante. A dedicatória inicial, assinada pelo narrador Rodrigo S.M., mas que na verdade é Clarice Lispector falando diretamente ao leitor, já revela um jogo entre autoria e ficção que permeia toda a obra. Em seguida, os treze títulos alternativos: *A hora da estrela*, *A culpa é minha*, *Ela não sabe gritar*, *Eu não posso fazer nada*, *O direito ao grito*, *Quanto ao futuro*, *Lamento de um blues*, *Ela que se arranje*, *Uma sensação de perda*, *Assovio no vento escuro*. São uma espécie de introdução à diversidade de perspectivas e à imprecisão que estruturam a obra. Cada título sugere uma faceta diferente da obra, antecipando os diversos olhares que Rodrigo S.M. lança sobre Macabéa.

O enredo é muito simples e direto, Macabéa vive no Rio de Janeiro, trabalha como datilógrafa, namora Olímpico de Jesus (que a abandona por sua colega Glória), consulta uma cartomante (Madama Carlota) que lhe prevê um futuro feliz e ao sair da consulta com a cartomante, é atropelada por um carro de luxo e acaba falecendo. No entanto, esta linearidade é constantemente interrompida pelas divagações, reflexões e indagações do narrador.

A estrutura da obra é um dos aspectos mais inovadores e significativos do romance. O narrador Rodrigo S.M., que se apresenta como um escritor de classe média, expõe com frequência o processo de construção da narrativa, seus dilemas éticos e estéticos, suas incertezas, dúvidas e dificuldades. Conforme ele mesmo afirma: “Estou absolutamente cansado de literatura; só a realidade me interessa, matéria-prima”. (Lispector, 1998, p. 16).

Essa dinâmica narrativa estabelece uma tensão permanente entre o narrador e a personagem, o intelectual de classe média à jovem nordestina pobre e semi-analfabeta. Rodrigo S.M. transita entre a empatia e o distanciamento, oscilando entre o impulso de dar voz a Macabéa e a consciência de que jamais poderá representá-la plenamente. Ele mesmo reconhece esse dilema ao afirma:

Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. Ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente. (Lispector, 1998, p. 23).

A apresentação de Macabéa é propositalmente simplificada e fragmentária. O narrador nos oferece apenas alguns traços físicos e psicológicos da personagem, deixando muitos espaços vazios que o leitor precisa preencher. Macabéa é descrita como uma moça nordestina, de dezenove anos, raquítica, com uma aparência “um pouco encardida”, que “tinha ovários murchos como um cogumelo cozido” (Lispector, 1998, p. 24). Psicologicamente, ela é caracterizada por sua ignorância, passividade e sua incapacidade de expressar seus próprios desejos e sentimentos.

No entanto, esta caracterização mínima não deve ser confundida com superficialidade. Ao contrário, em vez disso é uma estratégia narrativa que convida o leitor a participar ativamente da construção da personagem, preenchendo os espaços vazios deixados pelo narrador. Como observa Rodrigo S.M.: “O que escrevo é mais do que

invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida” (Lispector, 1998, p. 13).

A linguagem em *A hora da estrela* oscila entre a elaboração intelectual do narrador e a simplicidade da personagem. Rodrigo S.M. utiliza uma linguagem elaborada, repleta de metáforas, reflexões filosóficas e referências culturais, enquanto Macabéa é caracterizada por sua miséria, sua dificuldade de expressão, seu vocabulário pobre. Refletindo a tensão social e cultural que está no centro da obra.

O romance explora temas profundos como exclusão social, migração nordestina, condição feminina, a relação entre intelectuais e classes populares, os limites da representação literária e a responsabilidade do autor. No entanto, esses assuntos não são abordados de maneira didática ao contrário, a narrativa se constrói de forma inquietante. O romance não apenas expõe essas questões, mas também as problematiza, fazendo com que o leitor reflita sobre os desafios de dar voz a quem, historicamente foi calado.

O final trágico da obra, com a morte de Macabéa atropelada por um carro de luxo logo após receber a previsão de um futuro feliz, pode ser lido como uma crítica à falsa promessa de felicidade oferecida pela sociedade às classes marginalizadas. No entanto este final fica aberto a diversas interpretações.

4 HORIZONTE DE EXPECTATIVAS E RUPTURA

A publicação de *A hora da estrela*, em 1977, ocorreu em um contexto literário brasileiro marcado por diversas tendências. Havia uma forte presença da literatura tratando de temas sociais e políticos em um período de ditadura militar; por outro lado, desenvolvia-se uma literatura experimental, influenciada pelo pós-modernismo. A obra de Clarice Lispector, já conhecida por sua natureza introspectiva e existencial, havia estabelecido um conjunto específico de expectativas em seus leitores.

É possível perceber como *A hora da estrela* simultaneamente atende e contradiz as expectativas dos leitores familiarizados com a obra clariceana. O público acostumado com suas narrativas esperava encontrar uma obra centrada na introspecção e na exploração de estados de consciência. No entanto, ao apresentar como personagem principal uma nordestina pobre e semianalfabeta, Clarice, rompe parcialmente com essas expectativas, introduzindo uma dimensão social que, embora não estivesse completamente ausente de suas obras anteriores, nunca havia sido tão evidente.

Como observa Bosi "A potencialidade da ficção brasileira está na sua abertura às nossas diferenças. Há lugar também para outros espaços e tempos e, portanto, para diversos registros narrativos como os que derivam de sondagens no fluxo da consciência" (Bosi, 2015, p. 347). Clarice, aborda a pobreza e a exclusão social através de uma estrutura narrativa altamente experimental, que problematiza o próprio ato de representação.

A hora da estrela destaca-se especialmente pela forma como desafia as convenções do romance tradicional, exigindo do leitor uma constante reformulação de suas expectativas interpretativas. A obra cria uma tensão produtiva entre familiaridade e estranhamento, utilizando elementos reconhecíveis da prosa clariceana, a linguagem poética, a reflexão existencial, a exploração da consciência, para abordar uma realidade social que parecia distante do universo habitual da autora.

A recepção crítica inicial de *A hora da estrela*, demonstrou essa tensão entre atendimento e ruptura de expectativas. Alguns críticos identificaram na obra uma virada social na trajetória de Clarice, enquanto outros enfatizaram a continuidade de suas preocupações existenciais e formais. Em 1977, o Brasil ainda estava sob a ditadura militar, e a representação da pobreza e da invisibilidade social foi interpretada por alguns como um comentário indireto sobre as desigualdades sociais. No entanto, diferentemente de romances mais explicitamente engajados da época, a abordagem, de Clarice, mantinha-se mais existencial do que diretamente política.

Ao longo dos anos, a obra passou por uma transformação significativa em sua recepção crítica. Se inicialmente muitos se concentravam na denúncia social e na condição de Macabéa, progressivamente a obra passou a ser reconhecida pela complexidade da relação entre narrador, personagem e leitor, particularmente através da figura problemática de Rodrigo S.M. Esta mudança na forma como a obra é interpretada reflete a capacidade da literatura de gerar novos significados conforme se transforma o contexto de sua leitura.

O que antes poderia ser visto principalmente como uma narrativa de denúncia social passou a ser compreendido como uma obra que questiona fundamentalmente os limites da representação e da linguagem literária. A figura de Rodrigo S.M. emergiu como elemento central para a compreensão da obra, revelando as tensões éticas envolvidas no ato de representar o outro social. Assim, *A hora da estrela* continua viva não apenas pela força de sua história, mas pela sua capacidade de provocar novas leituras e despertar diferentes reflexões, confirmando sua relevância como obra que transcende seu contexto histórico original.

4.1 OS VAZIOS DO TEXTO E A PARTICIPAÇÃO DO LEITOR

A teoria do efeito estético de Wolfgang Iser, com seu conceito central de espaços vazios ou lacunas textuais, oferece uma perspectiva particularmente produtiva para a análise de *A hora da estrela*. A obra de Clarice Lispector é rica em espaços com indeterminações, repletos de incertezas que exigem a participação ativa do leitor na construção de sentido.

Uma das manifestações mais evidentes da aplicação dos conceitos iserianos em *A hora da estrela* encontra-se na estrutura dos treze títulos alternativos que precedem a narrativa. Estes títulos funcionam como sofisticado dispositivo de indeterminação que antecipa e programa a participação ativa do leitor implícito na construção de sentido, constituindo aquilo que Iser denomina estrutura de apelos do texto.

Os títulos alternativos não se limitam a oferecer perspectivas múltiplas sobre a obra; eles estabelecem um sistema complexo de vazios textuais que exigem preenchimento interpretativo por parte do leitor. Cada título sugere uma faceta diferente da narrativa, criando um campo de possibilidades hermenêuticas que antecipa a diversidade de olhares que o narrador Rodrigo S.M. lançará sobre Macabéa ao longo da obra.

O título principal, *A hora da estrela*, estabelece um paradoxo fundamental que exemplifica o conceito iseriano de indeterminação. Macabéa, caracterizada ao longo da

narrativa como figura apagada e invisível, experimenta seu único momento de protagonismo no instante de sua morte. Esta configuração cria um vazio interpretativo crucial, o leitor deve determinar se esse momento constitui uma revelação epifânica ou uma ironia cruel sobre a condição dos marginalizados sociais.

A culpa é minha, introduz uma indeterminação ética que permeia toda a obra. O vazio da responsabilidade, de quem é efetivamente a culpa? força o leitor a posicionar-se diante de questões morais complexas. A narrativa não oferece respostas definitivas, mas estabelece um espaço de reflexão que envolve simultaneamente o narrador Rodrigo S.M., a própria Clarice, e o leitor como participante da construção narrativa.

Ela que se arranje, confronta o leitor com a dureza da indiferença social através de uma expressão coloquial que mascara questões estruturais profundas. O título cria um vazio interpretativo sobre responsabilidade coletiva, quem deveria auxiliar Macabéa? A sociedade, a família, o Estado? Esta indeterminação obriga o leitor a examinar sua própria posição diante da vulnerabilidade social.

A dupla, *O direito ao grito* e *Ela não sabe gritar*, estabelece uma tensão dialética que exemplifica perfeitamente o conceito iseriano de vazios textuais. O direito existe formalmente, mas Macabéa não possui os meios para exercê-lo. Este vazio entre direito formal e capacidade efetiva de exercê-lo desafia o leitor a refletir sobre vozes silenciadas e sobre os mecanismos sociais que impedem o acesso à cidadania plena.

Quanto ao futuro, cria um vazio temporal que espelha a condição existencial da protagonista. A ausência de perspectivas reais de transformação na vida de Macabéa obriga o leitor a confrontar-se com a questão da mobilidade social e das possibilidades de mudança para os marginalizados.

Lamento de um blue, estabelece uma conexão intertextual que amplia o escopo interpretativo da obra. A referência ao gênero musical marcado pela dor dos afro-americanos cria um vazio que conecta diferentes formas de exclusão e melancolia social, exigindo do leitor a construção de pontes interpretativas entre contextos culturais distintos.

Saída discreta pela porta dos fundos, sintetiza poeticamente a trajetória de Macabéa, criando um vazio final sobre dignidade e reconhecimento. Até na morte, a despedida da protagonista ocorre sem grandiosidade ou reconhecimento social. O leitor deve preencher este espaço reflexivo sobre anonimato e invisibilidade social.

Os vazios textuais como estratégia narrativa central, a análise dos títulos revela como Clarice Lispector emprega sistematicamente a estratégia dos vazios textuais teorizada por Iser para transformar a leitura em experiência de interpretação constante. Em *A hora da estrela*, essas lacunas não constituem deficiências narrativas, mas elementos funcionais que provocam o leitor e tornam a obra uma experiência hermenêutica viva.

O narrador Rodrigo S.M. frequentemente admite sua incompreensão total de Macabéa, criando uma distância epistemológica entre ele e a protagonista que se traduz em vazios interpretativos sistemáticos. Esta estratégia narrativa exemplifica o conceito iseriano de que o texto literário não oferece significados prontos, mas estabelece um campo de possibilidades que deve ser atualizado pela atividade interpretativa do leitor.

Clarice, não fornece respostas definitivas sobre a realidade de Macabéa, ao contrário, propõe um jogo complexo de significados no qual o leitor deve reconstruir

continuamente a história e questionar-se sobre a condição da personagem. Esta abertura estrutural transforma a leitura em experiência única e irrepetível, diferente para cada leitor e para cada momento de leitura, confirmando a tese iseriana de que o efeito estético emerge da interação dinâmica entre texto e consciência leitora.

Na perspectiva da teoria iseriana, os treze títulos e os vazios textuais sistemáticos reforçam a compreensão de que o texto só se completa na interação entre obra e leitor. Ao interpretar estes elementos indeterminados, o leitor torna-se efetivamente coautor da história de Macabéa, participando ativamente da construção de sentido através do preenchimento das lacunas deixadas estrategicamente pela narrativa.

Um dos aspectos mais evidentes desta indeterminação é a apresentação mínima de Macabéa. O narrador nos oferece apenas alguns traços físicos e psicológicos da personagem, deixando muitos espaços vazios que o leitor precisa preencher. Como observa Rodrigo S.M.: “Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim”. (Lispector, 1998, p. 31). Esta descrição por meio de metáforas e negações cria um efeito de indeterminação que convida o leitor a imaginar Macabéa, a completar sua personalidade, e lhe dar uma consistência que o texto deliberadamente recusa.

A própria estrutura narrativa da obra, com suas intermináveis divagações, interrupções e questionamentos do narrador, cria vazios textuais que o leitor precisa lidar. Como declara Rodrigo S.M.: “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados”. (Lispector, 1998, p. 19). Estas reflexões não apenas expõem o processo de construção da narrativa, mas também criam lacunas interpretativas que o leitor deve preencher.

Clarice Lispector recusa a imposição de uma interpretação única e definitiva, deixando ao leitor a tarefa de escolher ou combinar estas diferentes possibilidades.

O final ambíguo da obra, com a morte de Macabéa, é outro exemplo notável de indeterminação textual. O narrador finaliza: “Macabéa, Maca, Mabéa, Maca, quanto tempo? quero que ela tenha um nome bonito e que dure além de mim: Macabéa”. (Lispector, 1998, p. 86). Esta frase ao mesmo tempo que assinala o término da personagem também propõe sua continuidade através do nome.

Como observa Iser, “os lugares vazios de um texto literário não devem ser vistos como uma falha, mas sim como uma condição elementar de comunicação, que possibilita uma participação do leitor na produção da intenção textual”. (Iser, 1996, p. 126). Em *A hora da estrela*, estes espaços vazios não são acidentais, mas estratégicos, parte de um projeto literário que busca desafiar as expectativas tradicionais e provocar uma reflexão crítica sobre o próprio ato de leitura.

A indeterminação em *A hora da estrela* não se limita aos aspectos formais, mas se estende também aos temas e motivos da obra. A identidade de Macabéa, sua relação com o narrador, o sentido de sua morte, a responsabilidade ética da escritora, todos estes elementos são apresentados de forma complexa e aberta, resistindo a interpretações conclusivas e inquestionáveis.

Esta abertura interpretativa, no entanto, não significa que qualquer leitura seja igualmente válida. Os vazios textuais não são espaços de liberdade absoluta para o leitor, mas são estruturados pelo texto, que orienta e limita as possibilidades de interpretação.

Em *A hora da estrela*, a estrutura ao expor o processo de construção da narrativa, também fornece pistas para sua interpretação, criando o que Iser chama de estratégias textuais.

4.2 A METAFICÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE ENVOLVIMENTO DO LEITOR

A estrutura da obra, atua como uma estratégia para envolver o leitor no processo de construção de sentido. O narrador Rodrigo S.M. esta sempre em diálogo com o leitor, fazendo parte integrante do enredo. Como ele afirma: “Mas tenho o direito de ser dolorosamente frio, e não vos respondo por minhas lágrimas. Não. Não vos respondo por nada. Ninguém me pode censurar: só quem passou por isso é que sabe”. (Lispector, 1998, p. 37).

Iser, refere se a essa interação direta como repertório textual, isto é, um conjunto de normas sociais, históricas e culturais que são escolhidas e reorganizadas durante o processo da obra. Rodrigo S.M., ao compartilhar suas incertezas, hesitações e decisões narrativas, instiga o leitor a refletir sobre as limitações e possibilidades da representação literária.

A apresentação das dificuldades de narrar é particularmente significativa em *A hora da estrela*. O narrador constantemente questiona sua capacidade de representar adequadamente a personagem: “Será que eu enriqueceria este relato se usasse alguns difíceis termos técnicos? Mas aí seria falar em língua estrangeira pois que, como é que posso saber se o que escrevo resulta melhor do que eu sou?” (Lispector, 1998, p. 38). Esta narrativa de autoconsciência, transforma o ato da leitura, incentivando um comportamento mais crítico e reflexivo por parte do leitor.

Outro elemento fundamental sobre o direito de narrar o outro é um aspecto central em *A hora da estrela*. Rodrigo S.M. oscila entre a empatia e a distância, entre o desejo de dar voz a Macabéa e a consciência da impossibilidade de representá-la de maneira apropriada, “Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela” (Lispector, 1998, p. 23). Este dilema ético transfere ao leitor parte da responsabilidade interpretativa, incentivando a questionar não apenas a representação de Macabéa, mas também sua própria posição como leitor.

A tensão entre narrador e personagem, entre o intelectual de classe média e a nordestina pobre e semi-analfabeta, é um dos aspectos mais provocativos de *A hora da estrela*. Como observa Rodrigo S.M.: “Ela não tinha. É, não tinha. Nem pobreza enfeitada nem pelagem humana. Não sei como é que eu vou dizer agora, mas é que a moça não tinha em si a marca de uma vocação” (Lispector, 1998, p. 38). Esta tensão revela as relações de poder presentes no ato de narrar, convidando o leitor a refletir sobre sua própria posição social e cultural.

Não é apenas um recurso formal, mas uma estratégia para envolver o leitor em uma reflexão ética sobre a literatura e suas implicações sociais e políticas. Como sintetiza Bonnici: “Por isso, a estética da recepção e suas vertentes providenciam um espaço, espaço não novo, mas mais amplo, para que se pense a literatura como categoria histórica e social e, portanto, em contínua transformação” (Bonnici, 2009, p. 198). A observação de Bonnici ilumina precisamente a dimensão transformadora da abordagem iseriana aplicada à obra clariceana. Ao reconhecer a literatura como categoria histórica e social, a

estética da recepção oferece instrumentos teóricos que permitem compreender como *A hora da estrela* funciona simultaneamente como objeto estético e como agente de transformação social. O espaço mais amplo mencionado por Bonnici, materializa-se na obra de Clarice através da criação de vazios textuais que obrigam o leitor a confrontar-se não apenas com questões interpretativas, mas com dilemas éticos fundamentais sobre representação, alteridade e responsabilidade social.

Esta contínua transformação da literatura manifesta-se na capacidade da obra de gerar novos significados conforme se modificam os contextos históricos de sua recepção. A tensão entre Rodrigo S.M. e Macabéa, inicialmente lida como conflito entre classes sociais, adquire hoje ressonâncias contemporâneas relacionadas aos debates sobre lugar de fala e ética na representação do outro. Desta forma, a obra exemplifica como a literatura, quando analisada sob a perspectiva da estética da recepção, revela sua natureza dinâmica e sua capacidade de dialogar criticamente com diferentes momentos históricos, confirmando sua relevância como categoria social em permanente processo de resignificação.

4.3 A DIMENSÃO ÉTICA DA LEITURA

A análise da *A hora da estrela* sob a perspectiva da Estética da Recepção revela um aspecto ético da leitura que se encontra no centro da obra. A relação entre narrador, personagem e leitor não é apenas uma questão procedimental, é estética que envolve questões sobre representação, alteridade e responsabilidade.

O narrador Rodrigo S.M. constantemente questiona seu direito para representar Macabéa, uma pessoa tão diferente dele em termos sociais, culturais e de gênero. Como ele afirma: “Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém” (Lispector, 1998, p. 13). Esta questão ética sobre o direito de narrar o outro antecipa debates atuais, sobre lugar de fala e apropriação cultural.

Em *A hora da estrela*, a tensão entre dar voz e silenciar não é apenas um conflito narrativo, mas um profundo dilema ético que percorre toda a obra. Rodrigo S.M. fica dividido entre o impulso de retratar Macabéa em sua essência e a inquietação de que qualquer tentativa de retratá-la será uma distorção. Ele não se limita a escrever sobre ela, mas constantemente se questiona sobre sua própria validade como narrador. Essa oscilação entre proximidade e distância, entre empatia e poder, destaca um dos grandes desafios da literatura: até que ponto é possível falar pelo outro sem o apagar?

Como ele observa: “Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um rufar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos” (Lispector, 1998, p. 22). Esta “intertroca” sugere que ela é tão invisível socialmente que o espelho devolve a imagem de quem a observa, não a dela mesma.

A responsabilidade do leitor na construção de sentido é um aspecto importante da obra. A narrativa é cheia de espaços vazios e indeterminações, Clarice transfere ao leitor parte da responsabilidade pela representação de Macabéa. O leitor não é apenas um receptor passivo, ele participa do processo de dar sentido à vida e à morte de Macabéa.

A hora da estrela é um espaço de encontro com a alteridade. Por meio, de sua estrutura e dos silêncios intencionais, a obra não busca capturar ou definir Macabéa, mas sim expor os limites da representação e da linguagem. O leitor é instigado a enxergar o outro com a aceitação da diferença e da responsabilidade ética que isso exige. A obra provoca uma reflexão profunda sobre nossa maneira de olhar e narrar o mundo ao nosso redor.

Investiga-se igualmente questões políticas de leitura na obra. Ela sugere que o ato de ler não é imparcial ou inocente, mas envolve relações de poder e responsabilidades éticas. Como reconhece Rodrigo S.M.: “Mas por que estou me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso de nada ter feito de concreto em benefício da moça?” (Lispector, 1998, p. 23). Esta culpa do narrador pode ser vista como um incentivo ao leitor para refletir sobre sua própria responsabilidade diante da exclusão social representada por Macabéa.

CONCLUSÃO

A análise de *A hora da estrela* sob a perspectiva da teoria iseriana revela a convergência entre as preocupações teóricas da Estética da Recepção e as estratégias narrativas utilizadas por, Clarice Lispector. Tanto a teoria de, Wolfgang Iser quanto a obra clariceana questionam as relações tradicionais entre texto e leitor, propondo uma compreensão da literatura como processo dinâmico de interação e construção colaborativa de sentido.

A teoria do efeito estético de, Wolfgang Iser, com seus conceitos centrais de vazios textuais, indeterminação e leitor implícito, oferece uma perspectiva particularmente produtiva para a análise de *A hora da estrela*. A caracterização minimalista de Macabéa, a estrutura narrativa fragmentada, os múltiplos títulos da obra e o final ambíguo demonstram como Clarice cria sistematicamente espaços de indeterminação que exigem a participação ativa do leitor na construção de sentido. Estes vazios estratégicos não constituem deficiências narrativas, mas elementos funcionais que desestabilizam as expectativas convencionais e provocam uma reflexão crítica sobre o próprio ato de leitura.

A estrutura metaficcional de *A hora da estrela* funciona como sofisticada estratégia para envolver o leitor implícito no processo de construção de sentido. O narrador Rodrigo S.M. estabelece um diálogo constante com o leitor, transformando-o em participante ativo do processo narrativo. A exposição das dificuldades de narrar, o questionamento ético sobre o direito de representar o outro e o conflito explícito entre narrador e personagem são elementos que desnaturalizam a leitura passiva e exigem posicionamento crítico do leitor.

A aplicação dos conceitos iserianos revela que, *A hora da estrela*, não apenas conta a história de Macabéa, mas simultaneamente problematiza os mecanismos através dos quais essa história é construída e transmitida. A obra funciona como um campo experimental, que expõe e questiona os processos de representação literária, antecipando discussões contemporâneas sobre lugar de fala, ética na representação e responsabilidade narrativa.

A relação triangular entre narrador, personagem e leitor implícito estabelece uma dinâmica complexa que transcende a mera transmissão de informações para constituir-se como experiência estética transformadora. O leitor é constantemente desafiado a preencher lacunas, estabelecer conexões e posicionar-se eticamente diante das questões levantadas pela narrativa, confirmando a teoria iseriana de que o significado literário emerge da interação entre estrutura textual e atividade interpretativa.

A análise desenvolvida neste trabalho demonstra que, *A hora da estrela*, não se limita a ilustrar conceitos teóricos da Estética da Recepção, mas os problematiza, reinventa e expande, abrindo novos caminhos para pensar a literatura contemporânea. Clarice, desafia a teoria literária tradicional ao apresentar uma narrativa que faz do envolvimento ativo do leitor um elemento constitutivo de sua própria estrutura estética, antecipando debates fundamentais da crítica contemporânea.

O impacto duradouro da obra, manifesta-se especialmente diante das discussões contemporâneas sobre representação e alteridade. Ao expor a relação problemática entre um narrador intelectual de classe média e Macabéa, uma jovem nordestina pobre e semianalfabeta, Clarice Lispector levanta questões fundamentais sobre os mecanismos de poder que permeiam a representação literária. A obra instiga o leitor a examinar criticamente não apenas o conteúdo narrativo, mas também sua própria posição como participante do processo interpretativo.

A teoria iseriana revela-se particularmente adequada para compreender obras que, como *A hora da estrela*, fazem da indeterminação e da participação do leitor elementos centrais de sua configuração estética. A análise confirma que a literatura contemporânea frequentemente opera através de estratégias que exigem do leitor não apenas decodificação de informações, mas participação criativa na produção de sentido.

Em conclusão, a análise de *A hora da estrela* sob a perspectiva da teoria iseriana revela a complexidade e a riqueza da obra de Clarice Lispector, demonstrando como a autora, através de estratégias narrativas inovadoras, transforma o leitor em coautor da experiência estética. Esta abordagem teórica não apenas enriquece nossa compreensão da obra, mas também contribui para o desenvolvimento de uma teoria literária mais atenta às dimensões éticas e participativas da leitura, confirmando a relevância contemporânea tanto da obra clariceana quanto dos conceitos desenvolvidos por Wolfgang Iser para a compreensão da literatura como espaço de interação dinâmica entre texto e leitor.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BONNICI, Thomas. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.
- ISER, Wolfgang. *O Ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 1. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

ISER, Wolfgang. *O Ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 2. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Submetido em 18 de outubro de 2025

Aceito para publicação em 28 de dezembro de 2025